

MERCOSUL

Parte do bloco se opõe a Venezuela

Seis dos 13 países integrantes do grupo assinaram comunicado contra as ações do governo de Nicolás Maduro

» VINICIUS DORIA

Aprofunda divisão dos sócios do Mercosul em relação à Venezuela se refletiu na ausência do tema no comunicado oficial da 67ª Cúpula do Mercosul, no sábado, em Foz do Iguaçu (PR). Dos 13 países que integram o bloco — entre Estados Partes e Estados Associados —, seis decidiram assinar um comunicado conjunto — sem o carimbo do Mercosul — em que “reafirmam seu firme compromisso de alcançar, por meios pacíficos, a plena restauração da ordem democrática e o respeito irrestrito aos direitos humanos na Venezuela”.

Subscreveram o documento os presidentes da Argentina, Javier Milei; do Paraguai — que assume, em janeiro, a presidência do bloco —, Santiago Peña; do Panamá, José Raúl Mulino; e de autoridades do alto escalão dos governos da Bolívia, do Equador e do Peru. Guiana e Suriname não participaram da Cúpula, enquanto a Venezuela está suspensa do bloco.

Os presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e do Uruguai, Yamandú Orsi, não aceitaram os termos do comunicado. Para o governo brasileiro, o aval do bloco sul-americano ao texto proposto poderia ser interpretado como um apoio institucional à pressão militar dos Estados Unidos por parte do Mercosul.

A diplomacia brasileira queria que o documento fizesse referência à crise deflagrada pelas manobras militares dos Estados Unidos no Caribe, com ataques a barcos e confisco de petroleiros venezuelanos, e reafirmasse a preocupação com as consequências de um ataque a um país soberano, que poderia pôr em risco a histórica posição dos países sul-americanos de manter o continente como região de paz.

A posição brasileira por uma solução pacífica e aderente aos tratados internacionais foi compartilhada pelo Uruguai. O presidente Yamandú Orsi pediu “o restabelecimento pacífico da ordem institucional e democrática na Venezuela

Odd ANDERSEN / AFP



Em nome dos venezuelanos, agradecemos aos governos da Argentina, Paraguai, Panamá, Bolívia, Equador e Peru por manifestarem com firmeza seu compromisso com a democracia e os direitos humanos em nosso país, e por exigirem o fim das detenções arbitrárias e a libertação dos quase mil presos políticos nas mãos do regime de Maduro”

María Corina, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz

legítima e irreversível pela democracia e pela liberdade da Venezuela”, complementou.

María Corina vivia na clandestinidade desde 2024, perseguida pelo regime de Maduro por liderar a oposição política na Venezuela e ser a principal voz de denúncia de fraude nas eleições daquele ano, que mantiveram o poder nas mãos do líder chavista. No início deste mês, após ser anunciada vencedora do prêmio Nobel da Paz, ela decidiu fugir para a Noruega (sede da fundação que concede a honraria). A fuga — que teve a ajuda dos Estados Unidos, segundo agências de notícia europeias — deu-se por mar, à noite, em um pequeno barco. Corina seguiu para a Ilha de Curaçao e, de lá, embarcou para Oslo, a capital norueguesa, onde se encontra atualmente.

dentro da estrutura do direito internacional”, “com respeito à integridade territorial, à soberania e à independência dos Estados, e abstenção do uso e da ameaça da força”.

Sem consenso, os seis países cujos governantes se colocam à direita do espectro político — e alinhados ideologicamente com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump — decidiram marcar posição de confronto com o presidente venezuelano, Nicolás Mauro, mesmo sem a chancela do Mercosul. O documento, porém, não cita nominalmente nem

Maduro nem Trump.

Apesar das divisões internas, o tema foi amplamente debatido na Cúpula de Foz do Iguaçu. No discurso de abertura da reunião, Lula declarou que um ataque à Venezuela por tropas dos Estados Unidos provocaria uma “catástrofe humanitária”. O presidente da Argentina, por sua vez, foi na direção oposta, de apoio às ações militares no Caribe para pressionar a queda do regime de Maduro. “A Argentina acolhe com satisfação a pressão dos Estados Unidos e de Donald Trump para libertar o povo venezuelano”,

declarou aos colegas do bloco econômico. Ele chamou Maduro de “narcoterrorista”, e o regime venezuelano de “atroz” e “desumano”.

María Corina

A ganhadora do Prêmio Nobel da Paz deste ano e líder da oposição venezuelana, María Corina Machado, fez um agradecimento público aos seis países que subscreveram a nota de apoio às ações militares dos Estados Unidos e exigiram a volta da democracia ao país. Em uma postagem na rede

social X, Corina também exigiu a libertação dos presos políticos do regime de Maduro.

“Em nome dos venezuelanos, agradecemos aos governos da Argentina, Paraguai, Panamá, Bolívia, Equador e Peru por manifestarem com firmeza seu compromisso com a democracia e os direitos humanos em nosso país, e por exigirem o fim das detenções arbitrárias e a libertação dos quase mil presos políticos nas mãos do regime de Maduro”, postou ela em sua conta no X. “Sabemos que a América Latina acompanha a luta justa,

Lula planeja viagens para diversificar comércio

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

Em meio ao adiamento da assinatura do acordo bilateral entre o Mercosul e a União Europeia para janeiro de 2026, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva marcou viagens para a Índia e para a Coreia do Sul, em fevereiro, com o objetivo de ampliar relações comerciais com os dois países. O chefe do Planalto também deve ir, em abril, à Feira de Hannover, na Alemanha para, segundo ele, divulgar os combustíveis produzidos no Brasil que emitem menos gás carbônico (CO2).

“Eu quero fazer uma megaviagem para a Índia, com muitos empresários, para discutir a questão da saúde, de remédio, da indústria farmacêutica, em busca da defesa, da questão espacial, e para discutir outras coisas”, disse Lula, em discurso na semana passada. No pronunciamento, ele criticou o “baixo” volume de comércio com os indianos.

A relação bilateral Brasil-Índia, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDic), movimentou quase US\$ 12 bilhões em 2024. Desse total, US\$ 5.273.320.104 bilhões em exportações, enquanto US\$ 6.849.930.671 bilhões em compras de produtos indianos. “Não tem sentido o Brasil e a Índia terem 1 bilhão e 600 milhões de habitantes, na soma dos dois, e só termos US\$ 12 bilhões do comércio exterior. Não é nada”, pontuou o presidente.

Depois da Índia, o petista pretende ir à Coreia do Sul, com quem o governo brasileiro tem intenções de fomentar o comércio. Na relação com os sul-coreanos, o Brasil foi superavitário em 2024. Segundo o MDic, as exportações de produtos brasileiros alcançaram US\$ 5.503.085.948 bilhões,



Eu quero fazer uma megaviagem para a Índia, com muitos empresários, para discutir a questão da saúde, de remédio, da indústria farmacêutica, em busca da defesa, da questão espacial, e para discutir outras coisas”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

enquanto as importações somaram US\$ 5.157.207.904.

Lula afirmou que vai levar empresas brasileiras especializadas no mercado de beleza à Coreia para fortalecer o comércio e o desenvolvimento de cosméticos. “As dermatologistas brasileiras vivem viajando para a Coreia para comprar coisas boas e máquinas mais modernas”, disse.

Diversificação

Na avaliação da internacionalista Ana Beatriz Zanuni, as futuras viagens de Lula aos países asiáticos estão de acordo com a

Gladyston Rodrigues/EM/D.A Press



Temos um movimento que reabre espaço para biocombustíveis e, consequentemente, para soluções brasileiras. Um pavilhão do Brasil na Feira de Hannover 2026, por exemplo, faz parte da estratégia de aproximação com esse mercado”

Ana Beatriz Zanuni, internacionalista

estratégia anunciada pelo Executivo de “diversificação de mercados”, desde julho, quando o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, aplicou o tarifaço de 50% sobre as importações de produtos brasileiros.

“Parte dessa estratégia passa por uma aproximação à Ásia. A Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean) se coloca como o 5º principal parceiro comercial do Brasil. A diplomacia brasileira tem reafirmado o compromisso na parceria com a Asean e busca a expansão da cooperação bilateral. A mesma lógica deve se refletir na abordagem com a Índia e a Coreia do

Sul”, afirma a especialista.

Outra viagem internacional prevista é para a Alemanha, para participar da feira de Hannover, maior evento do mundo na área industrial. Segundo o chefe do Planalto, a comitiva brasileira vai divulgar os combustíveis produzidos no Brasil — que emitem menos gás carbônico (CO2) que os dos alemães.

“Eu quero provar, na Alemanha, na frente de um caminhão da Mercedes-Benz, que é alemão. Cada vez que eles (Mercedes-Benz) inventam (nova tecnologia para o veículo), o preço do caminhão aqui aumenta 15%. Esse mix

ambientalista para aumentar o caminhão, nós já não precisamos do que eles precisam”, disse Lula, ao completar que, além de emitirem menos CO2 que os combustíveis alemães, os caminhões que vêm ao mercado do Brasil com a premissa de serem mais limpos chegam com preços elevados.

Diferente dos países asiáticos que devem receber Lula, em fevereiro do ano que vem, a relação entre Brasil e Alemanha acumulou mais transações comerciais no ano passado, de acordo com o balanço do MDic.

Junto ao país europeu, o Brasil vendeu um total de US\$ 5.846.881.069

enquanto as importações, US\$ 13.783.197.105. Para a internacionalista Ana Beatriz Zanuni, a relação com a Alemanha apresenta oportunidades ao fomento de uma “agenda estratégica de transição energética”.

“Temos um movimento que reabre espaço para biocombustíveis e, consequentemente, para soluções brasileiras. Um pavilhão do Brasil na Feira de Hannover 2026, por exemplo, faz parte da estratégia de aproximação com esse mercado, buscando atrair investimentos e impulsionar exportações relacionadas à transição energética”, completou a especialista.